

Romantismo anticapitalista?

Em seu mais recente livro, Richard Sennett amplia sua discussão sobre os efeitos nocivos das novas condições de trabalho sobre os indivíduos e critica a cultura consumista que adentrou na experiência atual com o trabalho.

por Pedro F. Bendassolli FGV-EAESP



A Cultura do Novo Capitalismo
Richard Sennett
Record, 2006, 189 p.

O acadêmico Richard Sennett parece ter conseguido ir mais longe do que muitos outros acadêmicos ao redor do mundo talvez tenham conseguido: ser lido e ouvido por uma plateia mais ampla do que o restrito círculo de mestres e seus discípulos nas salas de mestrado e doutorado universitárias. Desde 1998, com a publicação de seu livro *A Corrosão do Caráter*, publicado um ano depois no Brasil pela Record, ele tem estado em evidência. E penso que as razões tenham a ver com pelo menos dois motivos.

Em primeiro lugar, ele acertou na escolha do tema. Em seu livro de 1998, resolveu abordar como o capitalismo está sufocando algumas das principais virtudes humanas, como o respeito, a autoridade e a cooperação. Sennett mostrou como o capitalismo, dito flexível, aquele das empresas de ponta e mais avançadas em termos de práticas de gestão, vem destruindo o caráter das pessoas. Em segundo lugar, ele também acertou na adoção do estilo de redação. Escrevendo em forma de ensaio, com extensa apelação para falas de profissionais entrevistados por ele mesmo ao longo de sua trajetória como pesquisador, é fácil atingir o leitor médio.

Oito anos depois da publicação de *A Corrosão do Caráter*, Sennett está novamente às voltas com o tema do capitalismo. Ele acaba de lançar seu novo livro, *A Cultura do Novo Capitalismo*, em tradução simultânea para o português, novamente pela Record. Pelo título logo se percebe que o objeto deste novo livro continua sendo o capitalismo e suas conseqüências sobre as pessoas. Além de preservar o objeto original, Sennett também o faz com relação ao estilo, embora, neste caso, o texto seja um pouco mais erudito que o de 1998. Ele na verdade coloca em linguagem o que talvez muita gente sinta em suas relações de trabalho mas que não consegue, não sabe ou simplesmente não pode expressar. Talvez essa espécie de efeito catártico da escrita de Sennett seja outra boa fonte de identificação com o leitor.

O livro é, na verdade o resultado de um ciclo de palestras dadas pelo autor na Universidade de Yale em 2004. Estruturado em quatro capítulos, defende a tese central de que apenas um certo tipo de ser humano é capaz de prosperar nas condições sociais instáveis e fragmentadas do novo capitalismo globalizado e financeiro. Para o autor, esse “novo ser humano” tem

de lidar com três desafios: primeiro, precisa aprender a manter relações sociais altamente instáveis e uma carreira feita aos saltos de emprego a emprego, sem garantias. Segundo, precisa descobrir quais são seus talentos em um contexto em que as exigências da realidade mudam quase que instantaneamente os padrões de desempenho esperados. Terceiro, precisa desenvolver uma personalidade que favoreça o descarte de experiências passadas, que não se prenda a nada, mas que consiga agir como faz um consumidor diante de um produto que não lhe agrade mais: jogá-lo fora e trocá-lo por outro.

Sennett insiste em uma tese conhecida: a desvalorização de relações estáveis, a incapacidade de fazer planejamentos pessoais de longo prazo e o frágil senso de cultura disseminado no novo capitalismo, no qual os vínculos são trocados como se trocam mercadorias em uma prateleira de supermercado. Entretanto, dois aspectos merecem atenção.

Primeiro, o autor analisa a instabilidade do ponto de vista das transformações institucionais pelas quais o capitalismo passou ao longo do último século. As ondas de desburocratização e simplificação de estruturas organizacionais, antes celebradas como o arauto de tempos mais livres e autônomos, parecem ter tido efeito inverso: deixaram os indivíduos sem chão, permanentemente às voltas com o fantasma da inutilidade ou do fracasso. Segundo, o alastramento da cultura consumista fez com que surgisse um novo *ethos* no qual as pessoas aprendem a descartar, a abrirem mão, a não se apegar a nada, inclusive às empresas ou à própria carreira. Como consequência, todos vivem na superfície, não se aprofundam em nada, não desenvolvem mais um talento à moda

antiga, com cuidado e persistência, mas transitam por experiências cada vez mais despersonalizadas.

Richard Sennett já foi acusado de romântico. Talvez ele deseje por demais o retorno a um paraíso perdido em que as instituições ofereciam um lugar com nome para as pessoas, ou um no qual os talentos do indivíduo eram de pronto reconhecidos pelos outros e tinham certa perenidade. Mesmo assim, penso que ele ainda continua acertando em um ponto: o capitalismo está destruindo a essência do conceito de cultura, a saber, o de uma produção coletiva que estrutura as experiências individuais, que dá sentido às ações das pessoas e organiza o cotidiano. Pode ser que, como diz Sennett, não saibamos ainda como viver sem uma tal cultura. Mas talvez o mérito de Sennett ainda seja o seguinte: ele denuncia que alguma coisa está errada, que alguma coisa não faz sentido no modo como vivemos hoje no capitalismo. E quem é que já não teve essa dúvida?

Pedro F. Bendassolli

Prof. do Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração da FGV-EAESP

E-mail: pbendassolli@fgvsp.br

“O capitalismo está destruindo a essência do conceito de cultura, a saber, o de uma produção coletiva que estrutura as experiências individuais, que dá sentido às ações das pessoas e organiza o cotidiano.”